Da ordem ao caos: a chance de paz no Oriente Médio foi para o espaço. E no mundo?

Del orden al caos: la oportunidad de paz en Oriente Medio se ha esfumado. ¿Y en el mundo?

From order to chaos: the chance for peace in the Middle East has gone up in smoke. And in the world?

Lúcia Marques

"Eu acho que nós não estamos precisando de guerra, estamos precisando de paz. Estamos precisando de investimento e desenvolvimento, que é isso que vai fazer melhorar a vida do povo."[1]

Resumo. O mundo não estava em paz. Sabemos disso. Mas ainda seguia uma ordem gerenciada, embora com falhas, pela ONU e seu Conselho de Segurança desnivelado. Caminhávamos lentamente para uma recuperação econômica pós pandemia e para pequenos avanços. Mas desde que Trump 2.0 assumiu a presidência americana em 2025, as tensões, disputas e ameaças cresceram, os pequenos avanços retrocederam e os investimentos foram deslocados para militarização. Não só nas grandes potências, mas nas potências médias. Aliados viraram rivais. Mudanças de lado. Confianças perdidas. Guerras por territórios, guerras genocidas, guerras por soberania tecnológica e de dados, guerra por hegemonia, guerras para conter a China, guerras sobre poder econômico, guerras para desviar o foco da mídia e cujas justificativas escondem outros interesses, enfim, guerras porque alguém acordou de mau humor. Da ordem ao caos é o que temos hoje. Neste momento, guerras saem das ameaças para explodir em bombas, envolvendo Irã, ou estoura entre Paquistão e Afeganistão, diminuindo a chance de paz no Oriente Médio. Trump se move de acordo com seus próprios interesses particulares. Netanyahu, precisa deixar de ser um pária e mostrar poder para garantir não ser preso. Ambos precisam de ações pirotécnicas. E esta guerra traz à tona diferentes interesses e nossas próprias contradições. O mundo caminhou nesta direção e não fizemos nada. Ao ponto que chegou, qual seria a alternativa? Com certeza essa guerra não era a solução menos pior. Diante desse cenário de incertezas, o Brasil faz movimento estratégico inteligente, diversificando parcerias na Ásia. Excelente para Fiocruz.

Palavras-chave: Guerra EUA+Israel *versus* Irã. Oriente Médio. Brasil e Ásia. Índia. Coreia do Sul. Emirados Árabes. Sri Lanka.

Resumen. *El mundo no estaba en paz. Lo sabemos. Pero aún seguía un orden gestionado, aunque con fallas, por la ONU y su Consejo de Seguridad desigual. Avanzábamos lentamente hacia una recuperación económica pospandémica y hacia pequeños avances. Pero desde que Trump 2.0 asumió la presidencia de Estados Unidos en 2025, las tensiones, disputas y amenazas aumentaron, los pequeños avances retrocedieron y las inversiones se desplazaron hacia la militarización. No solo en las grandes potencias, sino también en las potencias medias. Los*

[1] Comentário do presidente Lula sobre o encontro com o presidente dos Emirados Árabes, em Abu Dhabi, Xeique Mohammed bin Zayed Al Nahyan. https://www.metropoles.com/mundo/lula-e-presidente-dos-emirados-arabes-discutem-acordo-com-mercosul

aliados se convirtieron en rivales. Cambios de bando. Confianzas perdidas. Guerras por territorios, guerras genocidas, guerras por la soberanía tecnológica y de datos, guerras por la hegemonía, guerras para contener a China, guerras por el poder económico, guerras para desviar la atención de los medios de comunicación y cuyas justificaciones ocultan otros intereses, en definitiva, guerras porque alguien se ha levantado de mal humor. De la orden al caos es lo que tenemos hoy. En este momento, las guerras pasan de las amenazas a explotar en bombas, involucrando a Irán, o estallan entre Pakistán y Afganistán, disminuyendo las posibilidades de paz en Oriente Medio. Trump se mueve según sus propios intereses particulares. Netanyahu necesita dejar de ser un paria y mostrar poder para garantizar que no lo arresten. Ambos necesitan acciones pirotécnicas. Y esta guerra saca a relucir diferentes intereses y nuestras propias contradicciones. El mundo ha caminado en esta dirección y nosotros no hemos hecho nada. Llegados a este punto, ¿qué alternativa queda? Sin duda, esta guerra no era la solución menos mala. Ante este panorama de incertidumbre, Brasil da un paso estratégico inteligente al diversificar sus alianzas en Asia. Excelente para Fiocruz.

Palabras clave: *Guerra EE. UU. + Israel contra Irán. Oriente Medio. Brasil y Asia. India. Corea del Sur. Emiratos Árabes. Sri Lanka.*

Abstrat. *The world was not at peace. We know that. But it still followed an order managed, albeit imperfectly, by the UN and its uneven Security Council. We were slowly moving toward a post-pandemic economic recovery and small advances. But since Trump 2.0 took office as US president in 2025, tensions, disputes, and threats have grown, small advances have been reversed, and investments have been shifted to militarization. Not only in the major powers, but also in the medium powers. Allies have become rivals. Sides have changed. Trust lost. Wars over territory, genocidal wars, wars over technological and data sovereignty, wars over hegemony, wars to contain China, wars over economic power, wars to divert media attention and whose justifications hide other interests, in short, wars because someone woke up in a bad mood. From order to chaos is what we have today. At this moment, wars are moving from threats to exploding bombs, involving Iran, or erupting between Pakistan and Afghanistan, diminishing the chance for peace in the Middle East. Trump moves according to his own interests. Netanyahu needs to stop being an outcast and show power to ensure he is not arrested. Both need pyrotechnic actions. And this war brings to light different interests and our own contradictions. The world has moved in this direction, and we have done nothing. At this point, what would be the alternative? Certainly, this war was not the least bad solution. Faced with this scenario of uncertainty, Brazil is making a smart strategic move by diversifying its partnerships in Asia. Excellent for Fiocruz.*

Keywords: *US+Israel war versus Iran. Middle East. Brazil and Asia. India. South Korea. United Arab Emirates. Sri Lanka.*

O mundo não estava em paz. Sabemos disso. Ucrânia, Gaza e Sudão são alguns exemplos. Mas ainda seguia uma ordem gerenciada, com falhas, sabemos, pela ONU e seu Conselho de Segurança desnivelado. Caminhávamos lentamente para uma recuperação econômica pós pandemia, para pequenos avanços nas questões climáticas, em direitos humanos e das mulheres. Mas desde que Trump 2.0 assumiu a presidência americana em janeiro de 2025, as tensões, disputas e ameaças cresceram os pequenos avanços retrocederam e os investimentos foram deslocados para militarização. Não só nas grandes potências, mas nas potências médias. Aliados viraram rivais. Mudanças rápidas de lado. Confianças perdidas.

Guerras sobre territórios, guerras genocidas, guerras por soberania tecnológica e de dados, guerra para manter hegemonia, guerras para conter a China, guerras sobre poder econômico, guerras para desviar o foco da mídia, guerras cujas justificativas escondem outros interesses, enfim, guerras porque alguém acordou de mau humor. Da ordem ao caos é o que temos hoje. Neste momento, guerras saem das ameaças para explodir em bombas, envolvendo Irã, ou estoura entre Paquistão e Afeganistão, diminuindo a chance de paz no Oriente Médio.

Diante desse cenário caótico e de crescimento da militarização, como avançar nos ODSs? Como investir em saúde, inovação e desenvolvimento sustentável? Como avançar em transição energética? Como investir na proteção contra os efeitos das mudanças climáticas? Como garantir a segurança alimentar? Como garantir os investimentos necessários para o avanço dos países? Como se manter fora da guerra geopolítica sem ficar de fora do jogo e perder espaço estratégico?

O Fórum Econômico de Davos, em final de janeiro[2], e a 62ª Conferência de Segurança de Munique (MSC 2026), que ocorreu de 13 a 15 de fevereiro, refletiram a complexidade e os risco do mundo atual. A fragmentação da ordem internacional e nos desafios à governança global, sob o título *"Under Destruction"* foi tema central do encontro que reuniu líderes, autoridades e empresas de todo o mundo. Com alianças de longa data questionadas, a ordem internacional baseada em regras em processo de erosão, a crescente instabilidade e conflitos em escalada em todo o mundo, a Conferência de Segurança ocorreu em um ponto de inflexão fundamental e vários tópicos foram abordados.

O documento base para a conferência foi um relatório que apontou que o "mundo entrou em um período de política destrutiva". Os dados reunidos no documento capturam as percepções sobre uma ampla gama de riscos; e na pesquisa realizada em novembro de 2025, os respondentes de quase todos os países do G7 e do BICS (BRICS sem Rússia) — com exceção do Japão e da China — classificaram os EUA como um risco mais sério do que no ano anterior, dando continuidade a uma tendência que já era evidente na edição do relatório anterior, após a eleição de Donald Trump.[3] "A destruição generalizada — em vez de reformas cuidadosas e correções de políticas — é a ordem do dia."[4]

O relatório revela que os atores que ainda investem na ordem internacional estão se organizando, tentando conter os efeitos de uma política destrutiva e explorando novas abordagens que não dependem da liderança de Washington. O movimento de líderes visitando a China[5] visto em janeiro, que seguiu em fevereiro, confirma essa mudança de cenário.

E a visita do Chanceler alemão, Friedrich Merz, repercutiu nas mídias, não só por ele ter visitado a empresa de robótica Unitree, na cidade de Hangzhou, e presenciado uma apresentação de kung fu e outras artes marciais realizada por robôs humanoides[6] – o chanceler

[2] Marques, L. Riscos e complexidades geopolíticas para Ásia e Oriente Médio e o uso da IA em saúde nestas duas regiões | Cadernos Saúde Global Fiocruz

[3] https://securityconference.org/en/news/full/launch-munich-security-report-2026/

[4] https://securityconference.org/en/publications/munich-security-report/2026/executive-summary/

[5] Seis chefes de Estado: Micheál Martin, Primeiro-Ministro da **Irlanda**, Lee Jae-Myung, Presidente da **Coreia do Sul**, Mark Carney**,** Primeiro-Ministro do **Canadá**, Yamandú Orsi, Presidente do **Uruguai**, Keir Starmer**,** Primeiro-Ministro do **Reino Unido**, Petteri Orpo, Primeiro-Ministro da **Finlândia,** Macron, presidente da **França.**

[6] https://www.poder360.com.br/poder-china/na-china-chanceler-alemao-assiste-a-robos-fazendo-kung-fu/

demonstrou genuíno entusiasmo, aplaudindo, posando para fotos com os robôs – mas porque, ao compartilhar *on line* suas experiências, mostrou aos europeus uma nova dimensão da China e também acendeu o interesse da mídia europeia por Hangzhou e pelo seu vibrante ecossistema de inovação. A visita de Merz ofereceu à Europa um olhar renovado sobre a China, contribuindo para romper o véu de narrativas distorcidas que insistem em retratar o desenvolvimento tecnológico chinês como mero produto de "subsídios estatais", "cópia barata" ou "imitação". Mais europeus puderam enxergar uma China pragmática, dinâmica, aberta e disposta ao diálogo.[7]

A China é o principal parceiro comercial e rival tecnológico da Alemanha. Embora os dois países ainda precisem trabalhar uma relação mais justa, em se tratando de concorrência, acesso de mercados e segurança no fornecimento de matérias primas, foram assinados dez acordos focando em comércio, cooperação tecnológica e segurança transição verde, alfândega, esportes e mídia.[8]

Brasil e parcerias estratégicas na Ásia

Com o crescimento das tensões, sanções e tarifas atuais, diversificar parcerias na Ásia é um movimento estratégico inteligente.

Ásia já era prioridade da política externa brasileira desde 2023, que focou no multilateralismo, na cooperação Sul-Sul, na aproximação política e econômica com países asiáticos e do Oriente Médio. Cooperações com China, Índia e Japão foram fortalecidas ou ampliadas A adesão de países da Ásia, Oriente Médio e Norte da África aos BRICS agilizou aproximações bilaterais entre esses Estados e, consequentemente, com Brasil e com a Fiocruz – que têm participado das missões. O estabelecimento de Parcerias para o Desenvolvimento Produtivo (PDP), parcerias em insumos farmacêuticos, inteligência artificial, fortalecimento de plataformas produtivas e iniciativas de pesquisa e desenvolvimento têm sido o grande interesse.

Além disso, desde a adesão do Brasil como parceiro técnico da ASEAN – Associação das Nações do Sudeste Asiático – as possibilidades e os interesses de cooperação no âmbito do bloco e bilateralmente com os onze países membros e demais países parceiros, entre eles Malásia, Indonésia e Vietnã, por exemplo, foram ampliados. Vários acordos foram assinados pelo presidente Lula em outubro de 2025.

Em nova viagem pelo continente asiático, Lula trouxe na bagagem novas parcerias estratégicas e novas articulações, ampliando o leque de possibilidades de diversificação tecnológica e econômica.

A viagem de Lula começou na Índia, onde, a convite do premiê indiano Narendra Modi, participou da Cúpula de Impacto da Inteligência Artificial[9], que aconteceu entre os dias 18 e 21 de fevereiro. De lá foi para a Coreia do Sul e, ao retornar ao Brasil, parou para reuniões estratégicas em Abu Dhabi. Para o governo brasileiro a viagem visou reposicionar o Brasil no

[7] Visita oficial de Merz à China abre fissuras no consenso europeu sobre o país, diz editorial do Global Times | Brasil 247

[8] Chanceler alemão Merz chega à China para discutir comércio e segurança, em meio a ofensivas de Trump

[9] Essa foi a quarta de uma série de cúpulas globais sobre IA e a primeira em um país do Sul Global. Esta cúpula deixou de lado a segurança e a governança da IA e passou a focar no impacto prático, na implementação e em resultados mensuráveis. Participaram 91 países, incluindo mais de 20 chefes de Estado, 60 ministros e participantes da indústria de tecnologia. Acesse no link a Declaração da Cúpula.

cenário internacional e ampliar frentes comerciais em um momento de instabilidade geopolítica, reorganização das cadeias produtivas globais e disputa por tecnologia e recursos naturais.[10]

Brasil – Índia

A viagem ao país de Modi dá continuidade às parcerias firmadas entre Brasil e Índia, durante vinda do primeiro-ministro para a cúpula dos BRICS ano passado. O principal acordo reúne um conjunto de estruturas de relações bilaterais de cinco pilares prioritários para os próximos dez anos. São eles: defesa e segurança; segurança alimentar e nutricional; transição energética e mudança de clima; transformação digital e tecnologias emergentes; e parcerias industriais em áreas estratégicas.[11]

No novo encontro, as duas lideranças trataram de ampliar as parcerias e assinaram oito novos acordos e Memorandos de Entendimento, envolvendo terras raras e minerais críticos, modernização do setor postal, certificação digital e parceria digital, cadeias de suprimento do aço, apoio a pequenas e médias empresas, propriedade industrial e biblioteca digital.[12]

Sobre saúde e inovação, três Parcerias para o Desenvolvimento Produtivo (PDP) foram estabelecidas na área de produção de medicamentos e envolvem laboratórios público brasileiros e parceiros privados nacionais e indianos, visando reduzir a dependência externa de medicamentos estratégicos (nivolumabe, pertuzumabe, dodasatinibe). Além disso, também foi assinado um termo aditivo prorrogando por mais cinco anos o MoU na área de produção de medicamentos, vacinas e insumos farmacêuticos ativos (IFA). A Fiocruz, integrante da missão brasileira, assinou dois MoUs com empresas farmacêuticas indianas envolvendo transferência de tecnologia e fortalecimento de capacidades industriais e regulatórias. Para saber detalhes sobre esses acordos assinados, leia o informe sobre BRICS neste Caderno 2-2026.

Brasil e Coreia do Sul

A visita de Lula à Coréia do Sul foi a convite do presidente coreano, Lee Jae Myung, E Myung soube valorizar os "fortes laços humanos" e culturais, para além dos laços empresariais, entre os dois países, dando à visita um caráter caloroso que repercutiu nas mídias e redes sociais. Declaração do presidente à imprensa.

Durante o encontro, foi adotado o Plano de Ação Trienal 2026-2029, que visa elevar o nível do relacionamento entre os países para uma parceria estratégica e vai guiar as relações em várias áreas, incluindo diálogo político, cooperação econômica, colaboração substancial e intercâmbio de pessoas.[13]

O presidente participou do Fórum Empresarial Brasil-Coreia do Sul, quando foram firmados vários acordos comerciais e tecnológicos: inteligência artificial (iniciativas conjuntas de apoio a startups, micro, pequenas e médias empresas); agricultura (projetos de adaptação climática, bioeconomia, segurança de alimentos e tecnologias agroindustriais); campo científico

[10] Lula fortalece parcerias comerciais e econômicas em viagem à Índia e à Coreia do Sul — Planalto
[11] Lula no Fórum Empresarial Brasil-Índia: "Eventos como este impulsionam o avanço de tecnologias inovadoras" — Planalto
[12] "Encontro entre Índia e Brasil é uma reunião de superlativos", afirma Lula em Nova Delhi — Planalto
[13] Lula em Fórum Empresarial Brasil-Coreia do Sul: "Fortes laços humanos e vínculos empresariais são prova que confiança e cooperação valem a pena" — Planalto

e tecnológico (biotecnologia, aeroespacial, transição digital, comunicações móveis avançadas, e Internet das coisas), além do setor espacial, semicondutores, de cosméticos, economia criativa e ampliação de intercâmbio cultural e educacional.[14]

Lula apresentou o Brasil como parceiro confiável para o mercado de carne bovina e em minerais críticos, insumos essenciais na cadeia de cadeia de semicondutores, de eletrônicos e veículos elétricos, por exemplo. A cooperação na área da saúde envolve produção de medicamentos e vacinas, pesquisa em diagnóstico de doenças transmissíveis e crônicas, bem como genômica avançada e saúde digital. O representante brasileiro citou a Fiocruz como uma das instituições públicas do país que pode avançar na produção conjunta de novas vacinas, fármacos e insumos.[15] Memorando de Entendimento entre os dois ministérios da saúde.

Foram assinados 10 atos, entre eles, sete MoUs, envolvendo nove ministérios e agências brasileiras. O presidente brasileiro se comprometeu a retomar as negociações entre o Mercosul e a Coreia do Sul, interrompidas desde 2021.

Brasil e Sri Lanka

Durante as reuniões na Índia, o presidente Lula manteve encontro bilateral com o presidente do Sri Lanka, Anura Kumara Dissanayake.

Para além das conversas sobre os cenários econômicos entre os dois países, que envolve um comércio bilateral de 188 milhões de dólares, ambos os líderes se comprometeram instruir suas chancelarias a elaborar conjuntamente uma pauta abrangente de cooperação, incluindo os setores de turismo, agricultura e comércio.

E o Itamaraty já está incumbido de correalizar a II Reunião do Mecanismo de Consultas Bilaterais com o Sri Lanka, a ser sediada em Colombo, capital srilankesa em 20 de março próximo.

O Sri Lanka é uma joia escondida e tem conquistas importantes na área da saúde, como por exemplo a eliminação da Malária (2016), da Filariose Linfática (2016) e do Tétano Neonatal, além de ter controlado a transmissão vertical de HIV e Sífilis. Sobre saúde digital, o país é um dos líderes globais no uso do sistema *DHIS2* (District Health Information Software). E estão criando padrões de qualidade e protocolos farmacológicos para integrar essas práticas de medicina tradicional ao sistema biomédico moderno. Com o apoio do Banco Mundial em 2026, o país está acelerando *hubs* de tecnologia para soluções de baixo custo em telemedicina e monitoramento de Doenças Não Transmissíveis (NCDs).

Todas essas iniciativas podem ser interessantes para o SUS e para a Fiocruz, como por exemplo, estabelecer parcerias para intercâmbio de metodologias de vigilância ativa e controle de vetores em áreas tropicais como a Malária em certas regiões e a Filariose, doenças que ainda desafiam o Brasil.

Outro exemplo seria a integração de saberes. O SUS possui o PNPIC (Práticas Integrativas e Complementares) e o Sri Lanka já tem um modelo institucionalizado onde a medicina tradicional é ensinada com bases científicas e farmacológicas. A Fiocruz (especialmente o

[14] "Agora, damos início a um renovado ciclo de desenvolvimento e prosperidade compartilhada entre Brasil e Coreia do Sul", afirma Lula em Seul

[15] "Essa parceria vai crescer muito", destaca Lula sobre relação comercial entre Brasil e Coreia do Sul — Planalto

Farmanguinhos) poderia colaborar na padronização de fitoterápicos baseados no modelo srilankês.

Brasil e Emirados Árabes

Em sua viagem de retorno ao Brasil, Lula aproveitou a escala em Abu Dhabi para um encontro estratégico com o presidente dos Emirados Árabes, xeique Mohammed bin Zayed Al Nahyan – o encontro foi um pedido do presidente emirati.

Os líderes discutiram aprofundar a parceria estratégica entre os países, também acelerar as negociações sobre um acordo entre o Mercosul e os Emirados Árabes.[16] Lula também reforçou o convite para que os Emirados Árabes contribuam com o Fundo Florestas Tropicais para Sempre (TFFF).

Os Emirados Árabes têm investido em várias áreas estratégicas, como por exemplo o uso da IA em Saúde. E estão investindo bilhões para se tornarem os hubs globais de IA fora do eixo EUA-China.

A Insilico Medicine inaugurou em Abu Dhabi o maior centro de pesquisa biotecnológica do mundo movido por IA generativa. Eles utilizam a plataforma *Pharma.AI* para descobrir novos alvos terapêuticos e desenhar moléculas "do zero". É um exemplo clássico de como a região está deixando de ser apenas consumidora de remédios para se tornar desenvolvedora. Veja em Insilico Medicine – Lançamentos da plataforma Pharma.AI (2025-2026) e em Descoberta da primeira terapia totalmente desenvolvida nos Emirados Árabes

No Tabuleiro da Geopolítica

Guerra EUA + Israel *versus* Irã: para EUA, uma guerra geopolítica; para Israel, uma guerra por hegemonia regional

Não é uma guerra de defesa, é uma guerra de escolha. E como toda guerra de escolha, os seus resultados são imprevistos, como foi a guerra dos EUA no Iraque, na Líbia e no Afeganistão. E as consequências todos sabemos. Regimes caíram, mas os países seguem em caos – no caso do Afeganistão, o regime voltou poderoso.

Donald Trump, em vídeo divulgado nas redes sociais americanas, tenta justificar a entrada do país nessa guerra como uma ação de defesa e segurança nacional: "Nosso objetivo é defender o povo americano, eliminando ameaças iminentes do regime iraniano", disse Trump, que prometeu destruir as capacidades nucleares e militares do Irã.[17] No vídeo, Trump confirma que as ações faziam parte de uma ampla ofensiva conjunta israelo-americana.

No entanto, diferentes analistas afirmam ser uma justificativa “para inglês ver”. Afinal o programa nuclear iraniano já havia sofrido revés com o bombardeio americano às instalações nucleares, em 2025. A outra justificativa é militar, envolve os mísseis balísticos. – “na guerra de 12 dias do ano passado, o Irã demonstrou que seus mísseis poderiam causar danos a Israel e às instalações militares dos EUA na região.”[18] Embora o ataque de 2025 tenha “adiado” o programa

[16] https://www.metropoles.com/mundo/lula-e-presidente-dos-emirados-arabes-discutem-acordo-com-mercosul#goog_rewarded

[17] https://www.dw.com/pt-br/o-que-trump-quer-ao-atacar-o-ir%C3%A3-e-o-que-ele-pode-conseguir/a-76168170

[18] https://www.dw.com/pt-br/o-que-trump-quer-ao-atacar-o-ir%C3%A3-e-o-que-ele-pode-conseguir/a-76168170

nuclear iraniano, o conhecimento técnico para construir essas centrífugas e enriquecer urânio fica, e isso é algo que não pode ser eliminado com ataques aéreos. O mesmo se dá sobre o *know-how* tecnológico para construção de mísseis balísticos (que é iraniano de ponta a ponta) que não pode ser destruído com bomba.

Crítico feroz das ameaças americanas, o economista Jeffrey Sachs deu inúmeras entrevistas nos últimos dias chamando a atenção para os reais interesses de Israel e da América na região. Em carta aberta ao Conselho de Segurança da ONU, intitulada *"No US War on Iran"*, Sachs detalha como os EUA repudiaram negociações, que já estavam avançadas em 2025, para optar pela via militar (Operação *Midnight Hammer*). "Há um interesse financeiro e político em manter o estado de guerra permanente. Eles [o governo atual dos EUA] abandonaram qualquer via diplomática que estava sendo construída em 2025 para optar pela força bruta, porque a diplomacia exige compromisso, e o que eles querem é submissão total."

Sachs escreve que:

> "(...) ameaças surgem no contexto dos repetidos apelos do Irã por negociações. Além disso, em 7 de fevereiro, o Ministro das Relações Exteriores do Irã fez um discurso em Doha propondo negociações abrangentes para a paz regional, após uma rodada de conversas em Omã, apoiada pela diplomacia dos Estados árabes e da Turquia. Mesmo com o anúncio de uma segunda rodada de negociações, os EUA estão recorrendo a ameaças crescentes de uso da força".

Como se vê, não se trata de armas, se trata de interesse hegemônico militar israelense no Oriente Médio e uma jogada geopolítica americana de expulsão da Rússia e da China da região. "Não se enganem com a retórica de 'desnuclearização' ou 'autodefesa'. O que estamos testemunhando é o que Netanyahu planeja há 30 anos. Israel quer derrubar o regime iraniano, ponto final. Eles não querem um acordo; eles querem a aniquilação da estrutura de poder de Teerã para redesenhar o Oriente Médio sem qualquer oposição", frisa Sachs.[19]

Sobre a mudança do Regime, Trump disse em discurso no dia do ataque: "quando terminarmos, assumam o controle do seu governo. Ele será seu. Esta será provavelmente a sua única chance por gerações" [20]. No entanto, matar o Aiatolá Ali Khamenei não garantirá a queda do regime, que governa o país há mais de quatro décadas. E o histórico desastroso de intervenções americanas no Afeganistão, Iraque e Líbia serve de advertência para o risco dessa estratégia. Quem conhece bem o sistema iraniano, sabe que, embora seja totalmente teológico, as decisões de governo são frias e planejadas. Muita coisa já estava preparada. Com vários substitutos possíveis. No momento, um conselho de liderança provisório está responsável por supervisionar a transição política e governar interinamente o país.[21]

A retaliação iraniana com o bombardeio das bases americanas nos países do Golfo e ataques a alvos estratégicos na região confirmam o objetivo de maximizar o custo da guerra para seus rivais. Mas um pequeno erro de cálculo pode custar caro para o país persa ao fazer

[19] https://www.youtube.com/live/nPo8lxyjkCY

[20] https://www.dw.com/pt-br/o-que-trump-quer-ao-atacar-o-ir%C3%A3-e-o-que-ele-pode-conseguir/a-76168170

[21] https://www.dw.com/pt-br/os-pr%C3%B3ximos-passos-do-regime-do-ir%C3%A3-ap%C3%B3s-a-morte-de-khamenei/a-76175652

dos países vizinhos alvos de ataques e transformá-los em possíveis inimigos.[22] Para os EUA, a guerra mal começou e já está custando alguns bilhões de dólares aos cofres americanos [23]

Olhando a guerra sob outro aspecto, podemos dizer que ambos, Netanyahu e Trump precisam de pirotecnia, de uma boa guerra para ter sucesso nas eleições deste ano: o líder israelense precisa ser reeleito presidente para não ser preso e Trump precisa vencer as eleições para o Congresso Americano para não ser impichado: "Se não vencermos as eleições legislativas, sofrerei impeachment pelos democratas", falou ele a republicanos da Câmara dos Representantes[24].

Atualmente, os republicanos controlam a Câmara por apenas cinco votos, uma margem estreita. Trump tem buscado expandir seus poderes para agir de forma autônoma em áreas que vão desde imigração até ação militar e regulamentação federal. Ele enfrentará em breve uma importante decisão da Suprema Corte sobre se o uso amplo de tarifas por ele usurpou um poder que a Constituição concedeu ao Congresso.

Considerações finais

Vivemos momentos tensos e de expectativas. Diante das recentes ações e ameaças americanas pelo globo (Venezuela, Cuba, Canadá, Groenlândia, Panamá, México, Taiwan) e olhando para esses primeiros dias de ataques contra o Irã e respostas iranianas imediatas, com repercussões pelo mundo, a cautela nos mantém observadores. Mas já podemos afirmar que os EUA, mesmo diante de um mundo multipolar, estão tentando manter sua hegemonia global, agindo com violência extrema.

Como afirma Sachs, a real razão desse movimento autoritário e belicoso é a recusa absoluta dos EUA em aceitar um mundo multipolar. O Irã, ao se alinhar mais estreitamente com o BRICS+, com a China e com a Rússia, tornou-se o alvo principal de uma tentativa desesperada de manter a hegemonia regional americana no Oriente Médio. Concordamos com Sachs, que diz que os EUA estão agindo com imprudência, mentiras e ilusão e os resultados podem ser completamente catastróficos. Haverá reações em cadeia.

Trump se move de acordo com seus interesses particulares. Israel e seu primeiro-ministro não ficam de fora em sua tentativa desesperada de deixar de ser um pária para Europa e na região – Netanyahu precisa demonstrar poder e se manter no poder para garantir não ser preso diante das condenações por crimes humanitários.

Esta guerra traz à tona os diferentes interesses em disputa e nossas próprias contradições. O mundo caminhou nesta direção e não fizemos nada. E diante do ponto a que chegamos, resta a pergunta: qual seria a alternativa? Com certeza essa guerra não é a solução menos pior. Sobre essa reflexão, recomendo a leitura do editorial escrito por Anthony Samrani, no *L'Oriente-Le Jour*.

[22] https://x.com/hoje_no/status/2028201119395024960?s=20

[23] https://www.dw.com/pt-br/os-pr%C3%B3ximos-passos-do-regime-do-ir%C3%A3-ap%C3%B3s-a-morte-de-khamenei/a-76175652

[24] https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/trump-se-nao-vencermos-as-eleicoes-legislativas-sofrerei-impeachment/